

# Dificuldade no aprendizado escolar é confundida com deficiência mental

Arquivo

São Paulo — O que o ator Tom Cruise e o milionário Nelson Rockefeller têm em comum com Einstein, Thomas Edson e Leonardo da Vinci? Eles conseguiram superar uma anomalia que atinge hoje de 10 a 15% da população infantil mundial, de acordo com uma pesquisa internacional: a dislexia, definida pelo Dicionário Aurélio como “dificuldade mental e patológica de ler”.

Foi em 1917 que J. Hinshelwood propôs o termo dislexia para designar a incapacidade do paciente para ler compreensivelmente — ele consegue ler, mas experimenta fadiga e sensações desagradáveis. “Às vezes, o dislético é confundido com o deficiente mental, porque o profissional não sabe diagnosticar”, diz a neuropsicóloga Elsa Lima Gonçalves Antunha, membro da International Association for Research in Learning Disabilities.

**Diagnosticar** — Foi o que aconteceu com Márcia Tomazini Benvenuti, que só conseguiu detectar o problema do seu filho há três meses: “Hoje, ele está com quinze anos e não é alfabetizado. As escolas, tanto as particulares quanto as estaduais, não ajudam em nada quando a criança apresenta um problema. Ele perdeu dois anos, mas pior que isso foi o complexo de inferioridade que foi desenvolvido. Isso acabou gerando um comportamento de autodefesa”. Hoje, Rafael procura trabalhar sua dislexia com a ajuda de profissionais. “Na classe em que eu estudava a diretora chamava todos de burros e cafajestes, acho que todos lá são disléticos”.

**Limitações** — Em boa parte dos casos, os disléticos acabam abandonando os estudos, evitam o convívio social e se submetem a papéis sociais secundários, pela falta de compreensão de suas deficiências pelos pais, professores, educadores e pela sociedade como um todo. São várias as teorias que tentam explicar a deficiência. A mais recente e respeitada no momento é a desenvolvida pela Universidade de Harvard, segundo a qual a dislexia seria consequência de uma doença auto-imune da mãe que bombardeia o cérebro do feto em determinado momento da gestação.

“A sociedade cobra mais dos meninos. Talvez por isso os diagnósticos são frequentes. As meninas podem resolver o problema sendo dona-de-casa ou fazendo outras atividades que independem dos símbolos gráficos”, salienta Elsa.



A atenção do professor e a ajuda dos alunos são indispensáveis

O cérebro do dislético não apresenta uma lesão adquirida (como tumor, trauma de crânio ou meningite) e o que a maioria dos teóricos acredita é que o processo de codificação das mensagens recebidas são assimiladas de forma diferente do cérebro de uma criança que não apresenta a deficiência”. A dislexia não é uma doença como todo mundo pensa e, por não ser doença, não existe um remédio para esse caso. O dislético deve aprender a trabalhar sua deficiência. “Uma vez dislético, sempre dislético”, diz a diretora da Associação Brasileira de Dislexia, Eliane Rosenberg Coloni. A ADB foi criada há dez anos para ajudar os portadores de dislexia e conta hoje com o centro de avaliação e encaminhamento formado por uma equipe de profissionais multidisciplinares para orientar

e esclarecer pais e profissionais.

**Humanista** — Segundo Carmem Lydia da Silva Truncci, que desenvolveu métodos alternativos para atender as crianças disléticas, “o dislético não é uma criança excepcional, mas também não é uma criança comum”.

“Procuramos avaliar e identificar as possibilidades que uma criança com este diagnóstico tem para aprender e não somente constatar as defasagens contidas no quadro. Procuramos desenvolver uma filosofia humanista centralizada na criança. Na rede estadual de ensino, oficialmente não é feito nada, tudo fica a critério do professor, para trabalhar o aluno dislético. Desenvolver um projeto voltado para o dislético seria muito dispendioso e há outros problemas educacionais que ainda não foram solucionados”.

## Dislexia deve ser diagnosticada cedo

Os pais e professores podem suspeitar de dislexia quando uma criança ativa e inteligente tiver dificuldade de ler, escrever soletrar, podendo ser um bom aluno em outras atividades. Os sintomas variam de criança para criança, mas os primeiros indícios segundo a diretora da Associação Brasileira de Dislexia, Eliane Rosenberg, podem ser: demora em aprender a falar; em reconhecer as horas; em pegar e chutar a bola; pular corda; dificuldade em escrever números e letras corretamente, em ordenar as letras do alfabeto, meses do ano e sílabas de palavras compridas, em distinguir entre esquerda e direita.

Exemplo de uma inversão disléxica feita por um aluno: crepúsculo virou quepruscuro, avental virou aveltan. Algumas palavras são aglutinadas, espremidas no fim da linha, o aluno é desorganizado e pode ser desajeitado. “É importante que o professor esteja informado para que possa atender às necessidades da criança dentro da sala de aula, como: deixar sentar na frente, verificar se ela copia tudo da lousa, levar em conta provas orais para que a criança não fique isolada se sentindo inferiorizada, já que são crianças inteligentes e às vezes até acima da média e portanto tem um grande espírito crítico”, conclui Eliane.

“O futuro de uma pessoa disléxica não é muito bom e muitas vezes se não for trabalhado ele poderá ser um delinqüente, revoltado, depressivo e inoperante”, conclui a neuropsicóloga Elsa Lima Gonçalves Antunha. Para ela, o tratamento para a dislexia é o conhecimento do profissional pedagogo pelo sistema nervoso e a estrutura da alfabetização. Hoje, Elsa já obteve grande sucesso com crianças disléticas aplicando o Método Neuropsicológico de Alfabetização de Crianças Disléticas — que desenvolveu há três anos.

Para a estudante Taís Vilas Boas ser disléxica não tem sido uma experiência agradável: “Quando brigo com minha irmã ela me lembra que faço aulas alternativas e nas outras escolas em que estudei e onde repeti dois anos senti que fiquei excluída dos outros”. O estudante Carlos Eduardo Grabois não conseguia se adaptar a nenhuma escola. Foram cinco anos de mudança: “Hoje, estou no Paulicéia e me adaptei aqui”.